



A potência do visual em Oswald de Andrade

NADIÁ FERREIRA
Prof^ª de Literatura da UERJ

Em 1910 dá-se na Europa a contestação da estética e dos valores tradicionais em todas as artes. Oswald de Andrade busca um processo similar ao da literatura européia, colocando a literatura brasileira inscrita nos dados da novidade estética e da ideologia contemporânea. Posiciona-se contra uma opção nacionalista, pois o romantismo, em nome dessa bandeira, aprisionou o olhar: o Brasil é um paraíso tropical, onde as palmeiras, o sabiá e os índios são decantados num discurso ufanista e melodramático. Uma visão de cartão postal como atração ao turista europeu, que apesar dos anos passados, ainda permanece com seus elementos atualizados: o samba, a mulata, o carnaval.

Identifica o culto da retórica redundante com o nacionalismo e aponta a ruptura com esta quando formula que a imagem visual deve antecipar o verbal. Este processo constitui-se no recurso de *visualização* como nova forma de expressão a ser adotada. Ou seja, uma linguagem que apresenta a possibilidade de uma morfologia sucinta conter subjacente uma semântica extensa. Dessa forma, Oswald aproxima a literatura daquilo que vai constituir a novidade formal da linguagem ocidental contemporânea: o seu uso ideogramático.

Oswald cria de certo modo o mesmo processo da vanguarda poética, em que o visual destaca-se do verbal. Para isso, Oswald utiliza os seguintes processos poéticos: a *paródia*, a *ironia* e a *antimetáfora*. Esses processos serão definidos teórica e textualmente.

Lá vai uma barquinha carregada de
Aventureiros
Lá vai uma barquinha carregada de
Bacharéis
Lá vai uma barquinha carregada de
Cruzes de Cristo
Lá vai uma barquinha carregada de
Donatários
Lá vai uma barquinha carregada de
Espanhóis
Paga prenda
Prenda os espanhóis?
Lá vai uma barquinha carregada de
Flibusteiros
Lá vai uma barquinha carregada de
Governadores
Lá vai uma barquinha carregada de
Holandeses
Lá vai uma barquinha cheinha de índios
Outra de degredados
Outra de pau de tinta
Até que o mar inteiro
Se coalhou de transatlânticos
E as barquinhas ficaram
Jogando prenda coa raça misturada
No litoral azul do meu Brasil

PARÓDIA: uma linguagem nova para criticar um texto ideológico que apresenta problema de interpretação cultural. Utiliza nesta crítica o mesmo léxico (seleção de termos) do texto ideológico, mas o faz ironicamente. Tiramos daí duas conclusões: 1º) a ironia revela a paródia.

2º) é preciso um objeto ideológico para fazer-se a comparação.

IRONIA: por ela vamos entender uma crítica em que se caricaturiza o que todos aceitam como senso comum.

ANTI-METÁFORA: consiste na quebra do desdobramento natural de sentido do texto ideológico e na sua substituição pelo imprevisto.

No texto de Oswald, temos os mesmos termos componentes do livro de História do Brasil: aventureiros, bacharéis, cruzes de cristo, donatários, espanhóis, flibusteiros, governadores, holandeses e índios; só que eles são dispostos numa narrativa que demonstra cronologicamente a participação deles na história. Esta atitude é a paródia presente neste texto. A paródia vem acompanhada da ironia. O que está em ridicularizar a história-pátria pela introdução de um léxico que o senso comum não atribui ao livro de história, preso que este está a um tratamento reverencial. O livro de história é deglutido e ridicularizado pelo campo semântico de **barquinha** e **cheinha**. A ironia é suporte da



Oswald de Andrade

paródia também na composição do texto que apresenta a oração “Lá vai uma barquinha carregada de” que contém seu campo semântico destacado. “Lá vai” e “barquinha” introduzem o léxico da paródia. A paródia tem como efeito a anti-metáfora (“No litoral azul de meu Brasil”) que é uma crítica que ridiculariza os valores culturais de uma civilização “tropical”. É uma agressão que assimila a linguagem anterior mostrando-a incompatível com a realidade que simulava representar. Procura deglutir esta linguagem e partir dela própria, substituindo-a por uma situação aparentemente absurda; o que entretanto compromete culturalmente os valores criticados e, até então, universalmente aceitos e exaltados.

Estamos em plena antropofagia, recurso que é juntamente com a temática tropical um dos pontos de ligação com a música de Caetano Veloso. Não só a música MAMÃE CORAGEM procede da mesma maneira (deglutindo o mito do amor materno por colocá-lo despido de algumas de suas principais ilusões, parodiando poema A MÃE de Olavo Bilac, uma vez que esta não se desdobra fibra por fibra, ela precisa de coragem para viver na sociedade industrial, mas também a recente interpretação de O ESCAPULÁRIO.

Em Week-End de Godard, êle usa a antropofagia deglutindo todos os mitos modernos; hipies, guerrilheiros, jovens pra frente, etc. ao colocá-los diante de uma situação realmente antropofágica que, embora pareça absurda, demonstra a não radicalização de suas ideologias diante da sociedade industrial.

Buscando o mesmo Oswald de Andrade, José Celso Martinez Correia (Grupo Oficina) colocou a temática do antropofágico no moderno teatro brasileiro. Realizou experiências já conhecidas em **REI DA VELA**, **RODA VIVA**, e a **A SELVA DA CIDADE** onde um processo de deglutição dos tipos de uma cidade se efetua antropofagicamente. O que parece ter sido esquecido pela visão atual da “sociogite” que substitui a antropofagia e seus efeitos em favor de um C. P. C. para classe média, premiado inclusive pelo S. N. T.